



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

DANIEL THIAGO FREIRE DA SILVA

**GRUPO GAYMADO: O ESPORTE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E COMBATE
À HOMOFOBIA NO BAIRRO DA VÁRZEA**

**RECIFE
2025**

DANIEL THIAGO FREIRE DA SILVA

**GRUPO GAYMADO: O ESPORTE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E
COMBATE À HOMOFOBIA NO BAIRRO DA VÁRZEA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de TCC II do curso
de Licenciatura em Educação Física do
Departamento de Educação Física, da
Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE), como requisito para obtenção de
diploma do curso.

Orientador: Prof. Dr. Robson Guedes da Silva (PPGEdu-UFPE).

**RECIFE
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Daniel Thiago Freire da .

GRUPO GAYMADO: O ESPORTE COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E
COMBATE À HOMOFOBIA NO BAIRRO DA VÁRZEA / Daniel Thiago
Freire da Silva. - Recife, 2015.

25

Orientador(a): Robson Guedes da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Educação Física - Licenciatura,
2015.

Inclui referências.

1. Esporte. 2. Homofobia. 3. Queimado. 4. Resistência. 5. Preconceito. 6.
Movimentos Sociais. I. Silva, Robson Guedes da . (Orientação). II. Título.

790 CDD (22.ed.)

RESUMO

A presente proposta de trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Educação Física se apresenta como uma maneira de perceber como o esporte pode se tornar uma ferramenta e um espaço de resistência à violência homofóbica, tendo como objeto de estudo o grupo Gaymado do bairro da Várzea, em Recife, Pernambuco. A humanidade é formada por uma diversidade de orientações sexuais que refletem a complexidade das relações afetivas e do desejo. No entanto, diferentes contextos culturais e sociais impuseram barreiras à aceitação das aquelas relações que fugissem da norma heterossexual, submetendo a homossexualidade a processos de marginalização e repressão que persistiram ao longo dos séculos e que se apresentam na sociedade atual de forma pujante e violenta. É nesse contexto de tentativa de exclusão que surge o Grupo Gaymado. Metodologicamente a pesquisa vai se firmar na busca bibliográfica e histórica para a construção de um arquivo textual. Em seguida, buscará a aplicação de uma entrevista narrativa com a direção do Grupo Gaymado sobre como o esporte se apresentou como alicerce para o surgimento e consolidação do grupo e de suas atividades desenvolvidas.

Palavras-chave: Esporte. Queimado. Resistência. Homofobia. Preconceito.

SUMÁRIO

FALAS INTRODUTÓRIAS.....	5
PERCURSO METODOLÓGICO.....	8
VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS: AS FACES DA AGRESSÃO A PESSOAS NÃO HETERONORMATIVAS	10
PRÁTICAS ESPORTIVAS E HOMOFOBIA: TRANSFORMANDO ESPAÇO DE REPRESSÃO EM LUGAR DE RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO.	13
GRUPO GAYMADO: SURGIMENTO E ATUAÇÃO SOCIAL	15
GRUPO GAYMADO: MEMÓRIAS COLETIVAS	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

FALAS INTRODUTÓRIAS

A homofobia¹, para além do que outrora era imaginada ser, definida simploriamente como uma aversão ao que fosse diferente do heterossexual, ou seja, o homossexual, hoje pode ser pensada como um fenómeno multifacetado, complexo e que se mostra impregnado, de forma sistêmica, nas relações sociais construídas e impostas e retroalimentadas por uma hierarquia heteronormativa que afirma e reafirma o papel e o local funcionais de cada indivíduo dentro da sociedade.

Pela definição de Lionço (2009) a homofobia, de forma mais genérica, pode ser compreendida como uma manifestação arbitrária com traços de perversidade que visa a opressão e discriminação das práticas sexuais e/ou das expressões de gênero não condizentes com aquelas estabelecidas como normais e aceitáveis socialmente. Borrillo (2015) complementa esse pensamento dizendo que a homofobia busca dar ao indivíduo, tido como homossexual, o lugar do contrário, da inferioridade e do anormal, pelo simples fato de ele ser quem é, e de expressar seus desejos de afetividade.

Segundo dados do Dossiê de Mortes e Violências Contra LGBTI no Brasil (ACONTECE, ANTRA, ABGLT, 2024), no ano de 2023 registraram-se 230 mortes de pessoas LGBTI+ de forma violenta no Brasil, sendo 184 assassinatos, 18 suicídios e 28 mortes por outras causas, esse retrato da realidade coloca o Brasil como o país mais violento do mundo para pessoas não heterossexuais, considerando dados do Estudo Global sobre Homicídios que a Organização da Nações Unidas divulgou no final de 2023 (ACONTECE, ANTRA, ABGLT, 2024).

Nos anos 2000, no bairro da Várzea, que fica localizado na região oeste da cidade de Recife, Pernambuco, jovens LGBT+ tornaram-se alvo frequente de violências físicas e verbais motivadas por sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Frente a esses episódios adversos, esses jovens começaram a se reunir semanalmente na principal praça do bairro para realizar uma atividade esportiva conhecida como queimado ou queimada e, através desse esporte coletivo, conseguiram atrair atenção da sociedade, imprensa e entidades públicas para aqueles acontecimentos violentos que

¹ É prudente destacar aqui que, para efeito desse trabalho de conclusão de curso, ao mencionarmos a palavra homofobia estamos considerando, na verdade, todas as formas singulares em que essa problemática se apresenta na sociedade, seja pela gayfobia, pela lesbofobia, pela transfobia ou pela bifobia, e todas as outras.

² O trocadilho “Gaymado” se deu pelo fato de a maioria dos participantes (jogadores) se identificaram como homens gays, mas os jogos contavam com a participação de mulheres lésbicas, trans, travestis, e pessoas bissexuais e heterossexuais.

buscavam o cerceamento da liberdade desse público. Foi a partir dessa união de esporte e afirmação de espaço e direitos que esse coletivo de jovens LGBTQ+ passou a ser conhecido como Grupo Gaymado.² (Gaymado, 2020).

É relevante dizer que o esporte carrega o papel de ser uma ferramenta eficaz para a inclusão social e resistência contra as desigualdades socialmente impostas. Em seus estudos Silva (2019) destaca o papel do esporte na promoção do desenvolvimento humano por meio da integração de grupos sociais marginalizados. Para o autor as práticas esportivas proporcionam um espaço de pertencimento e reconhecimento, especialmente em comunidades vulneráveis, fomentando a transformação social por meio de experiências coletivas e educativas que ultrapassam o campo físico e alcançam o cultural e econômico. (Silva, 2019). Reforçando esse pensamento, Campos e Moraes (2022) apontam que as práticas esportivas têm a capacidade de reduzir barreiras sociais, estimulando o respeito às diversidades e a promoção da igualdade. Assim, o esporte não apenas atua como uma ferramenta de inclusão, mas também como uma forma de resistência, desafiando estigmas sociais e proporcionando oportunidades para populações historicamente excluídas, reafirmando seu papel essencial no fortalecimento de uma sociedade mais equitativa. (Campos; Moraes, 2022).

Esse panorama, então, serviu alicerce motivacional para a elaboração da seguinte questão de pesquisa, norte deste trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Educação Física: **Como o Grupo Gaymado fez do esporte coletivo uma ferramenta de resistência, inclusão e combate à LGBTQfobia no bairro da Várzea?**

Diante dessa indagação, traçamos como objetivo central compreender, a partir da experiência do Grupo Gaymado, como o esporte tem sido utilizado como ferramenta de resistência e enfrentamento à homofobia no bairro da Várzea, no Recife. Complementam, de forma mais específica os seguintes objetivos:

- Analisar os impactos sociais e simbólicos da atuação do Grupo Gaymado na comunidade da Várzea;
- Refletir sobre a importância do esporte enquanto espaço de afirmação de identidades dissidentes e construção de pertencimento.

Esse trabalho de conclusão de curso busca, portanto, contribuir para o debate sobre esporte e resistências às diferenças. Nos capítulos seguintes, serão apresentados o percurso metodológico dessa pesquisa, os fundamentos teóricos que sustentam a discussão sobre homofobia e esporte, bem como a trajetória do Grupo Gaymado

enquanto experiência concreta de enfrentamento às violências e exclusões no cotidiano urbano.

PERCURSO METODOLÓGICO.

Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho têm a intenção de garantir uma análise alinhada aos objetivos da pesquisa, considerando a relevância social e acadêmica do tema explorado. A abordagem se propõe a combinar os métodos de revisão bibliográfica e histórica e, também, a aplicação de uma entrevista narrativa.

A revisão bibliográfica aqui será realizada em bases de dados científicas reconhecidas, como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e o portal de periódicos da CAPES. Este método tem como objetivo identificar e analisar as principais produções científicas que abordam o esporte como ferramenta de inclusão social e resistência, bem como questões relacionadas à homofobia e aos desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+. Outras fontes serão artigos, livros, portais, materiais digitais e outras fontes de divulgação de ideias que tragam essas temáticas em seu bojo. Assim, se pretende construir o estado da arte ou estado do conhecimento que baseará este trabalho. (UNESP, 2015)

Entendemos que essa etapa não apenas subsidia a fundamentação teórica, como também orienta a construção de uma análise crítica e reflexiva, permitindo ao pesquisador compreender como a temática foi explorada em diferentes contextos. Ao mapear estudos anteriores, a pesquisa contribui para preencher lacunas acadêmicas e situar o Grupo Gaymado dentro de um debate mais amplo sobre homofobia, esporte e transformações sociais, uma vez que, depois de algumas pesquisas percebeu-se que há quase nenhuma produção sobre que cite o grupo Gaymado.

Ainda, a partir da pesquisa bibliográfica, pretende-se resgatar a trajetória e o impacto do Grupo Gaymado desde sua criação em 2005, e assim contextualizar a experiência do grupo dentro do cenário sociopolítico do bairro da Várzea e das transformações culturais e sociais ocorridas a partir de sua atuação.

Ao reconstruir essa história, a pesquisa busca entender como o esporte foi apropriado pelo coletivo como ferramenta de ressignificação do espaço público e de enfrentamento à homofobia. Essa abordagem histórica é essencial para demonstrar a relevância do estudo, destacando o papel do esporte não apenas como lazer, mas como um ato político e de resistência (SciELO, 2020).

Partindo para a entrevista narrativa, pretendemos aplicá-la junto à coordenação/direção do Grupo Gaymado. Este método nos possibilitará a coleta de dados primários, fornecendo informações ricas sobre a percepção do grupo em relação

ao esporte enquanto espaço de ressignificação, de visibilidade, acolhimento e enfrentamento à homofobia.

Segundo Abrahão (2003, p. 9), a fala narrativa pode ser compreendida como uma forma de “reconstrução da memória, do que foi vivido e da história de vida dos sujeitos narradores”, sendo, portanto, um instrumento epistemológico que valoriza a experiência como fonte legítima de conhecimento. Essa reconstrução narrativa se dá por meio de um processo dialógico, em que o narrador revisita o passado a partir de seu presente, conferindo novos sentidos às suas vivências. Como afirmam Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 291), “a narrativa não apenas comunica experiências, mas as constrói e reconstrói enquanto são narradas”. Tal método, neste contexto, não é entendido como um simples relato cronológico de fatos, mas como um modo de pensar, organizar e interpretar a realidade, que articula afetos, lembranças, conflitos e aprendizados. Ele permite, como destacam os autores, que o sujeito compreenda a si mesmo em relação ao mundo, e não de forma isolada: “narrar é, ao mesmo tempo, construir e significar o vivido; é estabelecer relações entre o que se viveu e o que se vive; entre o eu e o outro; entre o eu e o mundo” (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015, p. 292).

Sendo assim, a interseção desses instrumentos metodológicos se apresenta com o objetivo de compreender, a partir da escuta sensível de histórias de vida e experiências e também de consulta a fontes bibliográficas, como o Grupo Gaymado resistiu e resiste à homofobia por meio do esporte, no bairro da Várzea.

VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS: AS FACES DA AGRESSÃO A PESSOAS NÃO HETERONORMATIVAS

Por muito tempo, a homofobia foi categorizada, de forma resumida, como sendo o medo ou a aversão à homossexualidade (Fleury; Torres, 2014). No entanto, essa visão simplista de um fenômeno que, ao longo dos anos, revelou-se multifacetado, tornou-se insuficiente e contraproducente, uma vez que focalizava apenas um espectro dessa mazela social.

Atualmente, pesquisadores e militantes apontam uma compreensão mais ampla da homofobia, reconhecendo-a não apenas como um sentimento individual, mas como um conjunto de práticas e estruturas que perpetuam a exclusão, a discriminação e a violência contra pessoas LGBTQIA+ em diferentes esferas da vida social. Segundo Borrillo (2015), a homofobia deve ser entendida como uma ideologia que sustenta e legitima a hierarquização entre as orientações sexuais, colocando a heterossexualidade como norma obrigatória e todas as demais formas de expressão do desejo passam a ser categorizadas como desviantes e, portanto, passíveis de punição simbólica ou física. Esse autor dá à homofobia o retrato de “uma manifestação arbitrária que consiste em designar o/a outro/a como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele/a é posicionado/a à distância, fora do universo comum dos humanos.” (Borrillo, 2015, p.15). Para ele, tal qual o racismo, a xenofobia e o antissemitismo, a homofobia é um fenômeno psicológico e social complexo, estabelecido na relação entre estrutura psíquica e a norma social que fortalece e impõe a heterossexualidade como sendo a única forma de a humanidade se expressar afetivo-sexualmente. (Borrillo, 2015).

É o que pensa, também, a pesquisadora Guacira Lopes Louro (2004) quando aponta que a homofobia se articula com outras formas de opressão – como o racismo, o machismo e a transfobia – compondo um quadro interseccional que agrava a vulnerabilidade de determinados sujeitos, especialmente quando se encontram na intersecção de múltiplas identidades marginalizadas.

Seguindo essa mesma perspectiva, Junqueira (2007, p.60-61), vai afirmar que a homofobia é parte de:

um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) que costumam produzir ou vincular-se a preceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgênero (em especial travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadram nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade.

A homofobia, para tal pesquisador, está profundamente vinculada a hierarquias estruturadas e estruturantes que operam com base em um modelo único e normativo de identidade de gênero, afetividade e sexualidade: a heteronormatividade imposta como padrão legítimo e exclusivo. Trata-se, portanto, segundo o autor, de um dispositivo social que não se limita ao repúdio à homossexualidade em si, mas que visa manter uma ordem simbólica que privilegia a heterossexualidade como referência hegemônica. (Junqueira, 2007).

Seguindo essa linha de pensamento, torna-se possível perceber a complexidade e o alcance da homofobia enquanto prática de discriminação e exclusão. Suas consequências não se restringem às pessoas que se identificam, assumidamente ou não, como lésbicas, gays, bissexuais ou e pessoas trans, mas estendem-se também àquelas que, mesmo não pertencendo à comunidade LGBTQIA+, são percebidas, aos olhos do agressor, como desviantes dos padrões normativos de gênero e sexualidade. Tal como aponta Borrillo (2005), essa “homofobia geral” atinge qualquer pessoa que, de algum modo, transgrida as convenções binárias de masculinidade e feminilidade, revelando-se, assim, um fenômeno que ultrapassa a esfera individual e se inscreve nas dinâmicas sociais de controle e disciplinamento dos corpos e comportamentos. Em fato, a homofobia se posta, não somente como uma violência contra os homossexuais, mas também se constitui como uma ameaça aos valores democráticos de compreensão e de respeito ao outro, sendo a pessoa homossexual ou não. (Borrillo, 2015).

Esse cenário é facilmente corroborado quando nos deparamos com notícias sobre pessoas que foram vítimas de violências homofóbicas após serem apontadas como homossexuais por seus agressores. É a materialização das palavras dos autores supracitados: o foco da homofobia não é exclusivamente a pessoa homossexual, mas sim, todo aquele indivíduo que, aos olhos do agressor, levante a suspeita de homossexualidade, ou quebra da heteronormatividade imposta.

Para ilustrar tal percepção, pontuamos alguns fatos nos quais o alvo da violência foi “confundido” com um homossexual:

Em São João da Boa Vista - SP, homem de 42 anos teve parte da orelha decepada após ser agredido por um grupo de jovens. Os agressores pensaram que ele e seu filho de 18 anos fossem um casal gay, pois estavam abraçados (O GLOBO, 2011); Em 2012, na cidade de Camaçari – BA, dois irmãos gêmeos foram espancados por cerca de oito pessoas, enquanto caminhavam abraçados após serem confundidos com um casal gay. Um irmão morreu no local devido a pedradas na cabeça, enquanto o outro

sofreu afundamento facial (UOL, 2012); No Rio de Janeiro – RJ, uma mulher, que passava por tratamento contra um câncer de mama que a deixou careca, foi agredida e chamada de "viadinho" por um guardador de carros, que a confundiu com um homem homossexual (G1, 2018).

Por assim sendo, fica evidenciado que a homofobia opera como um mecanismo de controle social, reforçando padrões heteronormativos e marginalizando identidades e corpos que rompem com essas normas. É possível afirmar que a homofobia não se reduz a um conjunto de atitudes isoladas ou a um simples sentimento de rejeição individual, como antes era refletida e compactuada. Trata-se, de fato, de um fenômeno estrutural e multifacetado, que se mostra presente através dos anos e que atravessa as relações sociais, institucionais e culturais, sustentando-se por meio da normatização da heterossexualidade e da marginalização das identidades desviantes dessa norma socialmente importa e reafirmada.

PRÁTICAS ESPORTIVAS E HOMOFOBIA: TRANSFORMANDO ESPAÇO DE REPRESSÃO EM LUGAR DE RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO.

Historicamente, o esporte tem se constituído como um território de reforço de normas hegemônicas de gênero e sexualidade, funcionando como um dos aparelhos mais eficazes na reprodução da lógica heteronormativa e da masculinidade hegemônica. Ainda que, em teoria, o esporte seja uma prática universal, supostamente acessível a todos os corpos, ele tem operado, na prática, como um espaço marcado pela exclusão e silenciamento das dissidências sexuais e de gênero.

Conforme aponta Pronger (*apud* Camargo; Kessler, 2017), o ideal esportivo moderno foi construído sob os pilares da virilidade, da força física, da competição e da dominação – atributos social e tradicionalmente direcionados à masculinidade heterossexual. Nesse cenário, a homossexualidade passou a ser percebida como uma ameaça à integridade simbólica desse modelo.

A homofobia no esporte, portanto, não se manifesta apenas por meio de agressões explícitas, mas também através de mecanismos sutis de exclusão, como o isolamento, a invisibilização, a naturalização de piadas e xingamentos, e a pressão para ocultar identidades sexuais não normativas. Também é comum, no ambiente esportivo o uso de palavras depreciativas que atingem, estigmatizam, humilham e inferiorizam a homossexualidade para atacar adversários, torcida, arbitragem. Goellner confirma que o esporte, como qualquer outra prática cultural, é permeado por relações de poder, e estas são acionadas para criar situações nas quais determinados sujeitos subjugam outros.” (Goellner, 2021, p. 110) De certo, esses processos acabam por criar um ambiente hostil que desestimula a permanência de pessoas LGBTQIA+ nos espaços esportivos, seja como atletas, treinadores, dirigentes ou torcedores.

Além disso, o silenciamento da orientação sexual de atletas continua sendo uma realidade em várias modalidades, especialmente no futebol, um dos esportes mais populares e, paradoxalmente, um dos mais marcados por práticas homofóbicas. Segundo dados do Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2023), os casos de homofobia em estádios brasileiros continuam sendo recorrentes, revelando a urgência de políticas efetivas de combate à LGBTfobia no esporte.

Apesar de ampla difusão como prática sociocultural, o esporte, em sua abrangência ampla, ainda é marcado por contradições que revelam a persistência de práticas discriminatórias e excludentes, sobretudo quando se trata de gênero e

sexualidade. Embora esteja constantemente associado à promoção da saúde, da convivência coletiva e da inclusão social, o campo esportivo, portanto, está longe de ser um espaço neutro sendo, na verdade, um campo de disputa simbólica, onde as normas sociais são reafirmadas ou contestadas reproduzindo, de forma estrutural, desigualdades historicamente consolidadas.

No entanto, trazendo um ponto de reflexão que se contrapõe a esse quadro historicamente excludente do esporte, Campos e Morais (2022), vem a dizer que o esporte possui, também, um potencial significativo para promover a inclusão social, sendo capaz de estimular o respeito às diferenças, a convivência comunitária e a construção de laços solidários. No entanto, para que esse potencial se concretize, é necessário reconhecer e enfrentar as diversas barreiras que limitam o acesso e a permanência de grupos vulnerabilizados, entre eles, certamente, a comunidade LGBTQIA+. Esses autores ainda reforçam que a prática esportiva deve estar atrelada ao respeito às diferenças, à desconstrução de estereótipos e ao fortalecimento de uma cultura de direitos humanos.

Em suas publicações, Goellner (2021) defende que o esporte, quando orientado por princípios de justiça social, tem o potencial de se tornar um território de emancipação, onde sujeitos historicamente oprimidos possam afirmar suas identidades e ocupar espaços de visibilidade e pertencimento. Ela diz que “o esporte deve ser lido nesse contexto, pois ao mesmo tempo em que produz e estabiliza processos regulatórios e classificatórios (...), carrega em si os princípios que os arruinam. Como um direito, o esporte (...) empodera, não apenas para nele estar, mas também para torná-lo outro: mais democrático, inclusivo e igualitário.” (Goellner, 2021, p. 111).

É justamente nesse contexto que o Grupo Gaymado desponta no bairro da Várzea, em Recife – PE, em meados dos anos 2000. A partir da prática esportiva, o coletivo faz do esporte um espaço de acolhimento, resistência e afirmação de identidades, contrapondo-se aos episódios de violência a que alguns de seus participantes foram submetidos. Tais atos violentos foram, na verdade, o ponto de propulsão para a formação do grupo (Gaymado, 2000). O surgimento e a atuação do grupo podem ser considerados exemplos, na prática, do que autores citados anteriormente defendem teoricamente: o esporte como instrumento de cidadania, pertencimento e justiça social, norteados por princípios de inclusão, respeito às diferenças e valorização da diversidade.

GRUPO GAYMADO: SURGIMENTO E ATUAÇÃO SOCIAL

O bairro da Várzea, zona oeste da cidade de Recife, Pernambuco, sempre foi conhecido por sua efervescência cultural e importância histórica para a cidade, no entanto, no início dos anos 2000 essa localidade passou a ser um espaço marcado por episódios de violências diversas direcionadas a um público específico: a população LGBTQIA+ que morava ou visitava a região. Esse grupo de pessoas passou a ser alvo de xingamentos, exclusões e violências físicas pelo fato de estarem em espaços públicos vivenciando sua identidade e cidadania.

Diante de episódios dessa natureza, um coletivo de jovens formado na sua maioria por meninos gays, mas também composto por travestis, transsexuais, mulheres e homens bissexuais e heterossexuais, decidiram unir forças para se afirmarem enquanto cidadãos e se posicionarem contra essas práticas violentas, cada vez mais frequentes e intensas.

Foi assim que no dia 28 de fevereiro de 2005 surgiu o grupo Gaymado, a partir da necessidade de resistir e enfrentar a discriminação vivenciada pela população LGBTQIA+ varzeana. Esse surgimento se deu a partir do esporte, mais precisamente do jogo de queimado². Foi a partir dessa prática esportiva que os/as jovens da região se encontravam semanalmente na praça principal do bairro da Várzea para jogarem o queimado e, a partir dele, promover momentos de reflexão e empoderamento sobre temas como Homossexualidade; Diversidade sexual; Orientação sexual; Direitos humanos; Equidade de Gênero; Direitos sexuais e reprodutivos e outros (Gaymado, 2007, Santos, 2017).

Foi também o esporte que deu nome ao grupo. Dada a predominância de os participantes serem garotos e homens gays, surgiu, de forma espontânea, o trocadilho “Gaymado”, referindo-se a um grupo de gays que se reuniam para jogar queimado. Foi justamente essa tradicional prática esportiva que serviu como ponto de articulação das práticas políticas do grupo (Santos, 2017).

Segundo seu estatuto, o Grupo Gaymado se define como:

² Queimado, também conhecido como “queimada” em algumas regiões do Brasil, é um esporte coletivo, no qual dois times se enfrentam com o objetivo de eliminar (queimar) os/as jogadores/as adversários/as atingindo com uma bola. O/A jogador/a que é “queimado/a” sai de campo, e vence o time que eliminar todos/as os/as oponentes adversários/as.

um grupo de articulação política do movimento LGBT, o qual atua na luta contra o preconceito e a discriminação, através da conscientização política e da promoção dos direitos humanos, bem como da cidadania dos homossexuais e da comunidade onde atua; sem distinções religiosas, étnicas raciais, ideológicas, de gênero, orientação sexual, de faixas etárias ou partidárias (...) tem caráter democrático, informativo, educador, mobilizador e assistencial (Gaymado, 2007).

Ainda de acordo com esse documento, o Grupo Gaymado tem como propósito central fortalecer a população LGBTQIA+, promovendo seu empoderamento político, social e cultural para enfrentamento das múltiplas formas de discriminação e violência estruturais presentes na sociedade. Com a articulação de ações comunitárias, debates e intervenções públicas, o grupo busca reconhecer e afirmar a população LGBTQIA+ como sujeitos plenos de direitos sociais, civis e humanos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e justa. (Gaymado, 2007)

Além disso, o Gaymado atua na promoção da equidade de gênero e da diversidade sexual, compreendendo que essas pautas estão intrinsecamente ligadas à luta por justiça social. Para isso, desenvolve processos socioeducativos que estimulam a reflexão crítica sobre direitos humanos, cidadania e políticas públicas voltadas para a população LGBTQIA+. O grupo também se empenha na produção de conhecimento e na articulação com outros movimentos sociais, fortalecendo redes de apoio e resistência que visam garantir maior visibilidade e proteção à comunidade LGBTQIA+, especialmente em contextos periféricos como o da Várzea, onde está inserido. (Gaymado, 2007).

GRUPO GAYMADO: MEMÓRIAS COLETIVAS

A entrevista foi realizada com Glauber Striglinni, atual coordenador do Grupo Gaymado da Várzea, no dia 16 de julho de 2025. A primeira questão foi a seguinte: *“Para começar poderia contar como surgiu o Grupo Gaymado e quais foram as principais motivações e necessidades que levaram à sua criação? Há algum fato marcante para o início do Grupo?”* e, com ela, buscou-se entender como o grupo se formou naquela região, afim de compreender esse coletivo enquanto prática de resistência e pertencimento. O relato remonta ao ano de 2005, quando jovens e adolescentes LGBTQIA+ da Várzea, em Recife, começaram a se reunir informalmente na Praça da Várzea — espaço até então considerado “morgado” e pouco frequentado pela população. A partir da ideia de uma das participantes surge a proposta espontânea de jogar queimado, jogo popular e tradicionalmente presente no contexto escolar e comunitário – *“No dia a gente estava na praça, no banco sentado, conversando, aí a bola bateu na perna de uma travestia amiga nossa, conhecida como Juba, aí ela sentiu uma leve dor na perna, pegou a bola, bola pequena, dava bom pra gente jogar um queimado, aí foi quando surgiu a ideia, poxa, jogar queimado, massa”* o que tornou-se um evento próprio da região, ocupando inicialmente a praça local nas noites de segunda e quarta-feiras.

Contudo, a tentativa de ocupar o espaço público é rapidamente confrontada por episódios de violência. A agressão sofrida por alguns dos membros do grupo, incluindo o próprio narrador, evidencia a hostilidade direcionada à comunidade LGBTQIA+ existente naquele bairro – *“foi quando justamente na segunda-feira, onde a gente tava se organizando pra ir jogar, que a gente jogava umas 9, começava de 9 horas da noite, alguns gays, né, que era do nosso grupo, começou, foram agredidos, né, por outros jovens que faziam parte da comunidade, que estavam sempre ali na praça, e não queria que a gente tivesse ali, né, eu acho que por eles estavam ali há mais tempo, né, porque ele tava na praça e se achava no direito de querer estar, né, ali na praça, e que a gente tava tomando um espaço deles, então eles agrediram alguns colegas da gente, né, assim, não, tudo na mesma hora, uma hora antes quem chegou primeiro, depois o que veio chegar depois, aí depois o pessoal foi chegando e eles agrediram mais um, eu levei um, eu fui uma pessoa que foi agredida, né, levei uma tapa na cara.”* A violência, nesse caso, aparece como resposta ao que Judith Butler (2020) define como “corpos em aliança”, ou seja, corpos socialmente excluídos que, ao se reunirem publicamente,

desafiam normas sociais excludentes e expõem as fragilidades da lógica heteronormativa. Essa tentativa de intimidação pode ser compreendida também com o que afirma Borrillo (2015) quando ele diz que a violência homofóbica tenta eliminar, colocar à distância, fora do universo social, toda e qualquer manifestação transgressora da heteronormatividade compulsória.

Os episódios de violência, porém, não representam um ponto de ruptura, mas sim de ampliação da ação política do grupo. A partir de uma mediação realizada por um integrante do grupo que mantinha vínculos com o Instituto Papai, organização de base comunitária e voltada para os direitos humanos e a justiça de gênero, funciona como ponte entre a experiência vivida e o universo da militância e da formação crítica. Oficinas, acolhimento psicológico e articulações com outras instituições — como o Fórum LGBT de Pernambuco — fortalecem a atuação do grupo e permitem sua entrada em circuitos mais amplos de participação e visibilidade.

Esse episódio de agressão, ocorrido durante um encontro rotineiro para jogar queimado, não apenas expôs a hostilidade a que a comunidade LGBTQIA+ estava submetida no bairro da Várzea, como também funcionou como gatilho para a organização coletiva e a ação política. A resposta do grupo não foi o recuo, mas sim o enfrentamento por meio da mobilização e da construção de alianças. A organização de um ato público de repúdio à violência LGBTfóbica, articulado com instituições parceiras, parlamentares da cidade e lideranças religiosas, como o padre da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e o pastor da Igreja Batista local, demonstrou a capacidade de articulação do grupo mesmo em seus estágios iniciais. O ato, segundo o narrador, teve apoio maciço da comunidade que deu àquelas agressões o repúdio necessário — *“Então assim, foi super acolhido pela comunidade, o grupo, até porque a gente estava ali se divertindo, brincando, estava trazendo um entreterimento para a população, não estava fazendo nada de mal. Então a comunidade abraçou e repudiou também essa agressão, que a gente sofreu.”*

Nesse sentido, o ato pode ser compreendido como uma pedagogia pública da dissidência, por meio da qual o Grupo Gaymado ressignificou o esporte como instrumentos de denúncia, visibilidade e construção de vínculos com a população local. Conforme defendem Campos e Moraes (2022), o esporte, quando articulado a práticas de solidariedade, diálogo e respeito às diferenças, torna-se um poderoso vetor de inclusão e transformação social, e isso encontra sentido no caso do grupo Gaymado.

O surgimento do nome “Gaymado”, parte da união do termo “gays” e “queimado”, e ilustra a criatividade identitária do grupo: *“a gente tá com esse grupo, então vamos se formalizar mais, né, dar uma cara, dar uma identidade, aí foi quando, antes de um jogo, lá a gente tava sentado, reunido, quando Johnny, teve uma ideia, né, queimado - gay, é gay que joga queimado, tá, Gaymado, gays que jogam queimado, o nome do grupo, Gaymado, foi que aí surgiu o nome do grupo, Gaymado, faça a junção, né, esse trocalinho de juntar gays que jogam queimado, Gaymado, e daí a gente começou a participar de espaços, né, de controle social, que é participar de conferências, entramos no fórum LGBT, conhecemos outras instituições, né, outras temáticas, fazendo as intervenções, né, na nossa comunidade”*. Mais que uma simples nomenclatura, o nome carrega um gesto de afirmação e provocação simbólica. Como apontam Braz e Moraes (2020), os corpos e sujeitos LGBTQIA+ no esporte são frequentemente marcados pela negação ou inviabilização, e por isso, essa iniciativa pode ser refletida como uma ressignificação do espaço esportivo, e de afirmação de território por parte do grupo.

O segundo questionamento tratou de identificar como o esporte, na perspectiva do Grupo Gaymado, se tornou um espaço de afirmação e enfrentamento. Foi perguntado *“Na sua percepção, como o esporte — no caso o queimado — serviu para o grupo como um espaço de acolhimento, afirmação e enfrentamento à homofobia na várzea?”* Nesse sentido, a resposta do entrevistado reforça a ideia de que o queimado é uma brincadeira coletiva, acessível, espontânea e afetiva. Como afirma o narrador, *“na verdade, para além de um esporte, era mais uma brincadeira”*, esse trecho destaca o caráter lúdico e coletivo do queimado.

E essa abertura à coletividade e à pluralidade estão presentes na narrativa do entrevistado, sobretudo quando ele mostra a preocupação do grupo com a diversidade e a acessibilidade, e destaca que não há restrição à participação de quem quer que seja. O grupo se constrói com base em uma lógica de abertura: *“acolher outras pessoas que viam, né, que o queimado era um jogo que a gente praticava e a gente não tinha discriminação, a gente não, não posso dizer assim, a gente não impedia ninguém de participar, pelo contrário, a ideia era que todo mundo pudesse participar, que participasse e que fosse o mais diverso possível, justamente para poder quebrar o preconceito de que mulher não pode fazer isso, que homem não pode fazer aquilo, que mulher não pode fazer o que o homem faz, homem não pode fazer o que a mulher faz, que não pode estar junto com gay, que não pode estar junto com lésbica, e justamente a*

gente conseguiu com o jogo, com a brincadeira, fazer isso, criar o espaço de acolhimento, de afirmação e de enfrentamento à homofobia aqui na Várzea”. É justamente nessa fala que entendemos as palavras de Goellner (2021) quando elas apontam o que o espaço esportivo sempre foi impregnado de preconceitos e divisões, mas que é possível investir na sua desconstrução:

O binarismo separa os praticantes a partir de um único marcador: a biologia de seu corpo, ou ainda, a nomeação que lhe foi conferida no nascimento a partir da visualização de sua genitália. Tal ordenamento se impõe a partir de uma lógica que compreende homens e mulheres como seres diferentes e em oposição, possuidores de corpos que são igualmente diferentes e se constituem, igualmente, em oposição. Por entender que a oposição binária engessa, fixa e determina comportamentos excludentes entre os sexos, penso ser necessário investir na desconstrução desta representação para que a pluralidade possa aflorar e ser reconhecida (Goellner, 2021, p. 112).

Assim, o queimado ganha uma ressignificação dada pelo Grupo Gaymado e deixa de ser apenas um jogo tradicional, ou brincadeira como diz o narrador, e passa a funcionar como estratégia de visibilidade, diversidade e resistência, fundando um espaço onde se pode ser diferente, sem ser alvo da violência que marca os espaços tradicionais do esporte.

Essa estratégia de dar espaço aos diversos corpos que conviviam no bairro da Várzea pode ser considerada, também, uma forma de traçar uma mudança de percepção que os residentes do bairro tinham sobre a comunidade LGBTQIA+, como relata o narrador quando diz que o grupo conseguiu *“tirar aquele pensamento que elas (as pessoas do bairro) tinham, né, de que os gays estavam ali só para se prostituir, para aprontar”*

Outro traço importante do Grupo Gaymado trazido na terceira pergunta (*Para além dos jogos na praça da Várzea, quais as outras atividades desenvolvidas pelo Grupo Gaymado e onde essas atividades são aplicadas? Quais seus impactos?*) é uma expansão para ocupar espaços que, segundo ele, evidencia a atuação do coletivo em ações de controle social. Aqui o esporte se afasta um pouco do seu caráter lúdico para evidenciar um processo de expansão política e institucional. A fala do entrevistado destaca uma série de instâncias de participação: o Conselho Estadual LGBT+, o Fórum LGBT de Pernambuco, a Câmara de Monitoramento de Violações de Direitos, o Comitê Técnico de Saúde da População LGBT, entre outros. Judith Butler (2023, p. 234) vai explicar que

Quando corpos se unem como o fazem para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando reconhecimento e

valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida.

Desse modo, nota-se, que sua fala se ancora em realizações concretas — como a presidência do Conselho Estadual, a organização da Parada da Diversidade da Várzea (que chegou a reunir sete mil pessoas, segundo ele), e o acompanhamento em unidades de saúde do bairro — para afirmar a legitimidade da atuação do grupo. Ou seja, o esporte para o Grupo Gaymado parte do lúdico e, aqui, revela-se como forma de buscar essa vida vivível que Butler (2023) aponta, sobretudo quando ocupa espaços mais ampliados. Nesse caso, o discurso reforça um lugar de pertencimento político e de responsabilidade social, não somente com a população LGBTQIA+, mas sim, com toda a comunidade do bairro.

O entrevistado também reforça o papel do esporte como elemento mobilizador no bairro. Na questão final (*Que transformações você percebe no grupo e na comunidade desde a criação do Gaymado até hoje? E como o esporte (queimado) ajudou nessas mudanças?*), o narrador conta que queimado não apenas reuniu pessoas para o lazer e o pertencimento, como também foi responsável por projetar o grupo para além dos limites do bairro e da cidade. A visibilidade alcançada por meio de programas de televisão de alcance nacional — como a participação no programa da Eliana, exibido pelo SBT — e matérias em jornais impressos de grande circulação, como a Folha de S. Paulo e O Globo, amplia a noção de que o grupo, a partir de uma prática esportiva, construiu um discurso de resistência de alcance nacional.

Essa mobilização e projeção proporcionadas pela prática esportiva, reverteu-se em força quando conseguiram eleger dez delegados por aclamação, para representar o grupo na Conferência Estadual LGBT. *“E o grupo ficou com essa fama de mobilizador, de ser um grupo de mobilização, de mobilizar pessoas, que logo quando começou as conferências LGBTs, aqui em Recife, quando foi realizar a primeira pré-conferência aqui no bairro da Varzea, que a gente conseguiu trazer pra cá, a gente conseguiu eleger dez delegados pra conferência municipal por aclamação, a gente conseguiu mobilizar a turma do bairro, todos do bairro, pra se inscrever na conferência, pra votar e participar também, pra você ver o poder de mobilização que a gente passou a ter.”* Esse cenário encontra respaldo com os apontamentos de Lima, Geraldi e Geraldi (2015), que reconhecem o valor das narrativas na constituição de sujeitos coletivos ativos, capazes de elaborar sentidos sobre si mesmos e de agir politicamente no mundo. Butler (2023) também vai dizer que corpos quando se unem, potencializam sua performidade e

afastam a ideia de que cada sujeito é responsável apenas por si, e aponta que essa reunião de corpos é uma forma de dizer que eles não são descartáveis. Para ela “quando corpos se juntam (...) eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político” (Butler, 2023, p. 235)

Essa trajetória, conforme narrada, reafirma a potencialidade do esporte como instrumento de resistência e promoção de cidadania. A prática do queimado, reinventada pelo grupo, ganha novos contornos: além de espaço de lazer, torna-se também espaço de educação sexual, prevenção em saúde, debate público e convivência democrática. O esporte, assim, pode ser entendido como meio de construção de vínculos sociais e respeito às diferenças, e o percurso do Grupo Gaymado é um exemplo desse papel do esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender de que maneira o Grupo Gaymado, atuante no bairro da Várzea, no Recife, utiliza o esporte como espaço de resistência e enfrentamento à homofobia em sua localidade. Para tanto, adotou-se como metodologia a pesquisa narrativa, como forma de aprofundar as experiências vividas por esse coletivo considerando sua criação, organização e atuação.

A partir dessa escuta e da análise das falas do coordenador do grupo, foi possível perceber que o surgimento do Gaymado não se deu como resultado de um planejamento institucional, mas sim como resposta direta à exclusão social e à violência sofrida por jovens LGBTQIA+ que ocupavam o espaço público da praça do bairro para prática de lazer, convivência e socialização. O simples ato de jogar queimado em uma praça pública foi ressignificado como resposta política e gesto de resistência em um enfrentamento à heteronormatividade que estrutura a vida social e, consequentemente, os espaços urbanos e esportivos.

Com o passar dos anos, o grupo mostrou força e hoje é tido como referência local na promoção de um esporte que tem as portas abertas à pluralidade de corpos, e também na luta por direitos da comunidade LGBTQIA+. Sua atuação em conselhos, comitês e eventos públicos é fruto da ampliação do campo de ação do coletivo, que hoje transita entre o ativismo de base e a incidência nas políticas públicas. Essa trajetória reforça a premissa de que o esporte, quando orientado por princípios de justiça social e respeito à diversidade, pode se tornar ferramenta educativa, campo de pertencimento e meio de transformação social.

O nome do grupo, a escolha pelo queimado como prática agregadora, a formação política promovida em parceria com organizações sociais e a realização da Parada da Diversidade local e estadual são exemplos concretos de como o Grupo Gaymado construiu um projeto coletivo de resistência, enraizado no território, mas com ressonância regional e nacional.

Assim, este trabalho não apenas lança luz sobre uma experiência concreta e singular de ativismo LGBTQIA+ por meio do esporte, mas também reforça a urgência de reconhecer e valorizar iniciativas que rompem com os padrões normativos e excludentes ainda vigentes no campo da Educação Física e das políticas públicas em geral. Ao narrar sua própria história, o Grupo Gaymado nos convida a repensar o papel do esporte como linguagem política, espaço de disputa e horizonte de liberdade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Teoria e prática da pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: EDUC, 2003. p. 7–27.
- ACONTECE, ANTRA, ABGLT. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023 / Acontece Arte e Política LGBTI+**; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2024
- AGÊNCIA ESTADO. Grupo ataca irmãos gêmeos que andavam abraçados. UOL Notícias, 27 jun. 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2012/06/27/grupo-ataca-irmaos-gemeos-que-andavam-abracados.htm>. Acesso em: 05 abril. 2025.
- BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica ao preconceito**. 2. Reimp. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2015.
- BUTLER, J. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas: Notas para uma Teoria Performativa de Assembleia** – 5ª Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2023.
- CAMARGO, W.X.; KESSLER, C.S; Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte Sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017
- CAMPOS, C. F.; MORAIS, C. R. A inclusão social por meio do esporte. **Anais da FUCAMP**, 2022.
- GAYMADO. No jogo da vida só quem perde é o preconceito. Recife, PE; Disponível em <<https://grupogaymado.blogspot.com/>> , acesso em 08 dez. 2024.
- GAYMADO. Estatuto do Grupo Gaymado. Recife, PE; Disponível em <<https://grupogaymado.no.comunidades.net/nosso-estatuto/>> , acesso em 18. Mar. 2025, às 14:41.
- GOELLNER, S. V. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação** / No 13, dezembro, 2021. Disponível em <https://www.sescsp.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Corpos-ge%CC%82neros-e-sexualidades-em-defesa-do-direito-das-mulheres-ao-esporte.pdf?>. Acesso 05 julho 2025.

G1 RIO. De cabelos curtos devido à quimioterapia, educadora relata agressão e ataque homofóbico no Rio. G1, 24 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/24/de-cabelos-curtos-devido-a-quimioterapia-educadora-relata-agressao-e-ataque-homofobico-no-rio.ghtml>. Acesso em: 17 maio. 2025.

LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 18, p. 289–303, maio/ago. 2015.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.) **Homofobia e Educação: Um desafio ao silêncio**. Brasília. Letras Livres. Ed. Unb. 2009, p. 47-72.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Relatório Anual 2023. Disponível em https://observatorioracialfutebol.com.br/wp-content/uploads/2024/09/ODRF_relatorio2023_completo.pdf Acesso em 05 julho 2025

O GLOBO. Pai e filho são confundidos com casal gay e agredidos por grupo em São João da Boa Vista (SP). O Globo, 23 jun. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/pai-filho-sao-confundidos-com-casal-gay-agredidos-por-grupo-em-sao-joao-da-boa-vista-sp-2714592>. Acesso em: 7 maio. 2025.

SANTOS, J. C. O; **Educação, juventude e homossexualidade experiências escolares de jovens gays pobres** / Júlio César de Oliveira Santos. Dissertação de Mestrado em Educação, UFPE– 2017. 166 f. : il. ; 30 cm.

SCIELO. *O papel da revisão de literatura na escrita de artigos científicos.* 2020 Disponível em <https://www.scielo.br/j/inter/a/ctsj4sLz6CkZYQfZWBS4Lbr#:~:text=Como%20fio%20condutor%20na%20elabora%C3%A7%C3%A3o,os%20das%20premissas%20%C3%A0s%20conclus%C3%B5es>. Acesso em: 11 dez. 2024.

SILVA, S. M. A. S. **O esporte como estratégia de inclusão social**. Recife: UFPE, 2019.

UNESP. Tipos de revisão de literatura. Botucatu, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf> Acesso em: 11 dez. 2024, às 11:41 horas.